

**ARTIGO**

10.22481/praxisedu.v15i33.5287

**EXPERIÊNCIA DE MÃES COM A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM  
ESCOLAR DE SEUS FILHOS**

MOTHER'S EXPERIENCE WITH LEARNING SCHOOL DIFFICULTY OF CHILDREN

EXPERIENCIA DE LAS MADRES CON LA DIFICULTAD DE APRENDIZAJE  
ESCOLAR DE SUS HIJOS*Mônica Coutinho de Souza*  
Universidade La Salle – Brasil*Gilca Maria Lucena Kortmann*  
Universidade La Salle – Brasil

**Resumo:** A pesquisa objetivou compreender a dificuldade escolar pela perspectiva de mães, cujos filhos estavam em tratamento psicológico em uma clínica-escola na região Sul do Brasil. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, com coleta de dados por meio de entrevista em profundidade. A análise das experiências vividas centrou-se no modelo de transcrição, redução e tematização proposto por Van Manen. A partir desse processo, emergiram unidades de significados que formaram a estrutura do tema fenomenológico. Esse tema representou a essência do fenômeno vivido pelas participantes em relação à dificuldade de aprendizagem de seus filhos. Os relatos das mães quanto às experiências infantis mostraram que experiências geracionais, especialmente, as advindas do cuidado materno refletem na educação dos filhos, seja através da reprodução, revivência ou ressignificação, o que pode contribuir para a dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar infantil.

**Palavras chave:** Crianças em desvantagens. Deficiências da aprendizagem. Psicologia Educacional.

**Abstract:** The research aimed to understand the school difficulty from the perspective of mothers, whose children were in psychological treatment in a clinic-school in the south region of Brazil. It was a qualitative research of phenomenological approach that will collect the data through the in-depth interview. The analysis of the lived experiences was centered in the model of transcription, reduction and thematization proposed by Van Manen. From this process emerged units of meanings that form the structure of the phenomenological theme. This theme represented the essence of the phenomenon experienced by the participants in relation to the difficulty of their children's learning. The mothers' reports and their childhood experiences showed that generational experiences, especially those derived from maternal care, reflect in the education of the children, either through reproduction, revival or re-signification. This may contribute to the difficulty of children learning to read and write at school.

**Keywords:** Disabled children. Learning disorders. Psychology Educational.

**Resumen:** La investigación objetivou comprender la dificultad en la escuela por la perspectiva de madres cuyos hijos estaban en tratamiento psicológico en una clínica-escuela en la region sur de Brasil. Se tratou de una investigación cualitativa de enfoque fenomenológico, con recolección de datos por medio de una entrevista en profundidad. El análisis de las experiencias vividas se centra en el modelo de transcripción, reducción y tematización propuesto por Van Manen. A partir de ese proceso, surgieron unidades de significados que forman la estructura del tema fenomenológico. Este tema representa la esencia del fenómeno vivido por las participantes en relación a la dificultad de aprendizaje de sus hijos. Los relatos de las madres en cuanto a las experiencias infantiles muestrearán que experiencias generacionales, especialmente, las que vienen del cuidado materno reflejan en la educación de los hijos, ya sea a través de la reproducción, la revivencia o la resignificación. Esto puede contribuir a la dificultad de aprendizaje de la lectura y escritura escolar.

**Palabras clave:** Deficiencias del aprendizaje; Niños em desventajas. Psicología Educativa.

## Introdução

Este artigo trata-se de uma pesquisa oriunda do estágio obrigatório para a formação de psicólogo, na qual se optou pela área da educação, especificamente para atuar com criança com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita. Aderiu-se a abordagem qualitativa, pois o objetivo foi analisar a dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar pela perspectiva de mães de crianças com a problemática. Assim, organizou-se o manuscrito introduzindo a temática, a partir do surgimento da Psicologia Escolar/Educativa no Brasil. Logo, apresentou-se um capítulo sobre a metodologia, seguido dos resultados tratando da história de vidas e das experiências de vidas dos sujeitos. Os resultados foram apresentados, a partir de duas unidades de significados, que deram origem ao tema fenomenológico que permitiu refletir como as experiências vividas pelas mães em suas próprias infâncias podem refletir positiva ou negativamente na vida dos filhos.

No Brasil a Psicologia Escolar/Educativa iniciou quando profissionais das áreas da medicina e educação uniram-se para entender as dificuldades de aprendizagem infantil em crianças que frequentavam escolas normais. De acordo com pesquisas realizadas por Barbosa e Marinho-Araújo (2010), esse processo visava inicialmente, atender demandas de professores e, mais tarde, dos responsáveis pelas crianças que passaram a questionar o porquê seus filhos não apresentavam o mesmo rendimento na leitura e escrita escolar com os demais colegas de classe.

Estudos de Patto (1997) já nos anos 80 apontavam que, cerca de 20% das crianças apresentavam dificuldades relacionadas à leitura e escrita nos conteúdos do primeiro ano

escolar e ao considerar os três primeiros anos, o índice de crianças que não sabia ler e escrever chegava a 40%.

Foi somente na primeira metade do século XX que a psicologia se interessou efetivamente pela temática, porém os psicólogos que atuavam na área da educação privilegiavam o caráter clínico dos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita (CAMPOS; RODRIGUES; PINTO, 2010).

As intervenções da época utilizavam a psicometria para medir a inteligência das crianças e atribuíam à causa da dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar a uma incapacidade da própria criança (CARVALHO-SILVA; BATISTA; ALVES, 2014). Essa conduta caracterizou a Psicologia Escolar como detentora de um saber remediativo, que logo passou a ser criticada por estudiosos, especialmente os que se dedicavam às áreas sociais, pois consideravam que a avaliação somente por testes psicométricos deixava de se preocupar com os demais aspectos que envolvem o desenvolvimento infantil.

As crianças eram consideradas capazes ou incapazes de acompanhar de acompanhar o desempenho dos demais colegas a partir dos resultados dos testes utilizados pelos psicólogos que, na maioria das vezes, não consideravam o sujeito além dos aspectos cognitivos (SANTOS, 2016). Fatores como a interação professor-aluno, diversificação de estratégias de ensino, aspectos culturais e sociais eram irrelevantes para a compreensão das dificuldades de aprendizagem.

Porém, mesmo predominando na época a concepção clínica no tratamento da dificuldade de aprendizagem, outras concepções procuravam compreender as relações da criança com o seu contexto social para explicarem a problemática. Scopel, Souza e Lemos (2011) apontam que na década de 1990, com a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), as discussões sobre o assunto deram um pequeno passo.

A partir do ano 2000, se observou avanço teórico e prático na área, a partir da utilização de técnicas diversificadas, visando deslocar a responsabilidade pela dificuldade de aprendizagem do estudante. Psiquiatras, psicólogos, pedagogos e outros profissionais passaram a observar outros fatores que podem justificar a problemática, tais como inadequação do currículo escolar e falta de qualificação profissional. Dessa maneira, os estudos na área foram se ampliando (LIMA; CHAPADEIRO, 2015).

Dentre os fatores que influenciam na dificuldade de aprendizagem, Patto (1997) chama a atenção para os problemas sociais e culturais. Moreira e Cotrin (2016) também acreditam que a queixa escolar pode estar relacionada a um evento subjacente, que emerge

como sintoma expresso como dificuldade escolar e salientam que é necessário considerar a criança como um todo ao tratar à problemática.

Conforme Patto (MEDINA-PAST; MARQUES, 2009) a dificuldade de aprendizagem escolar sempre gerou discussão entre profissionais. A autora por longo período chama atenção quanto à necessidade de analisar outros agentes produtores das dificuldades vivenciadas pela criança, pois há uma série de fatores passíveis de prejudicar o desenvolvimento infantil, dentre eles questões emocionais e comportamentais.

Estudos como o de Rodrigues, Campos e Fernandes (2012) apontam que a maioria dos profissionais da educação é incapaz de lidar com a dificuldade escolar apresentada pela criança, devido à carência na formação acadêmica, e que, por não saber como lidar com a criança acabam orientando os pais a buscar atendimento especializado para 'resolver' o problema da criança. Soares, Souza e Marinho (2004) justificam que essa é uma das motivações para que muitas crianças não consigam acompanhar o desempenho da turma.

Pereira (2015) ressalta que no jogo de justificativas para as motivações da dificuldade de aprendizagem a criança não pode ser o bode expiatório, pois é um agente em fase de construção do saber e depende dos adultos para desenvolver sua individualização, autonomia e independência. Nesse sentido, quando a rede de apoio não atenda as demandas para desenvolver esses constructos – objeto do pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes - podem surgir déficits no desenvolvimento normal da criança, os quais geralmente só são percebidos no início da vida escolar, na forma de dificuldade de aprendizagem.

A busca pelo que há de 'errado' com a criança muitas vezes se torna angustiante já que, em muitos casos os especialistas não encontram problema orgânico que justifique a dificuldade na leitura e escrita da criança. A angústia e ansiedade atingem não só a criança, mas também o responsável, pois os professores acabam fazendo queixas frequentes em relação ao desempenho dos filhos e para que o 'problema' seja resolvido. Segundo Santos e Fernandes (2016), durante a busca pelo que há de 'errado', a dificuldade da criança pode agravar, pois ela continua sofrendo com preconceitos e estigmas por seus pares e, em muitos casos, pelos próprios professores.

Além disso, não raras vezes, os responsáveis e profissionais tratam do assunto diante da criança, sem ela receber qualquer explicação quanto ao que se passa consigo. Assim, pairam dúvidas que facilitam a fantasia e elaboração de conclusões quanto sua própria realidade. Dúvidas que podem gerar emoções desagradáveis, como tristeza e raiva, e desse

modo alimentar e aumentar a dificuldade apresentada pela criança (PINTO; CARVALHO; SÁ, 2014).

Com isso, mesmo havendo importantes estudos relacionados à dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar, fazem-se necessárias novas pesquisas a respeito do tema, pois os trabalhos existentes não esgotam o assunto. Ademais, a cada ano aumenta o número de crianças encaminhadas para tratamento em clínicas psicológicas por apresentarem dificuldades escolares relacionadas à leitura e escrita.

Assim, esta pesquisa intencionou compreender os motivos para o surgimento da dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita escolar, bem como suas consequências na vida da criança e do responsável, a partir da perspectiva de duas mães de crianças em tratamento em uma clínica-escola de psicologia.

## **Método**

Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer nº 1.004.229 foi realizado o primeiro contato com as mães para convidá-las a participar e esclarecer os propósitos da investigação.

Foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa fenomenológica para compreender as experiências de mães de crianças com dificuldades de aprendizagem relacionadas à leitura e a escrita escolar, a fim de encontrar a essência do fenômeno vivenciado, pois esse método permite o contato pessoal com o sujeito, facilitando a compreensão de suas verdades e experiências (SILVA, 2009).

Como instrumento para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista em profundidade proposta por Seidman (1998), método que envolve três entrevistas, sendo a primeira para conhecimento do contexto da experiência do sujeito; a segunda para possibilitar que o sujeito reconstrua a sua experiência de forma detalhada dentro do contexto envolvido; e a terceira para o investigador refletir, a luz do referencial teórico, sobre os sentidos que as mães atribuíram às experiências vividas.

Utilizou-se também a gravação e a transcrição dos relatos com permissão das entrevistadas. Conjuntamente foi realizada a análise dos dados focando a redução temática, como método para identificar as unidades de significados articuladoras do tema fenomenológico. Na próxima etapa foram agrupados os relatos das experiências em quadros temáticos, a partir de três colunas, onde a primeira foi preenchida com o discurso dos sujeitos,

a segunda foi para a melhor redução das unidades de significados, e a terceira para focar nas asserções articuladas em todo o discurso de cada mãe.

Após, foi construído outra estrutura de quadros temáticos com a análise estrutural das descrições das experiências. Essa nova estrutura contou com cinco colunas. A primeira foi preenchida com os discursos na linguagem das próprias entrevistadas de acordo com a categoria temática correspondente. Na segunda, foram indicadas as unidades de significado, ou seja, as partes dos discursos que fazem sentido para o pesquisador e; na terceira coluna as categorias abertas ou invariantes, conhecidas como as unidades de significado que apresentam as convergências. Na próxima coluna, foram indicadas as redes de significado, ou seja, as interligações entre os discursos uma mesma categoria. E a quinta coluna, comportou-se as asserções do pesquisador, que foram articuladas ao longo do discurso.

A análise se deu através do modelo temático de Van Manen (2010). Além disso, foram utilizados como meio assessorio os dados protocolos dos atendimentos dos pacientes para uma análise mais profunda e relevante dos fatos, pois ao se realizar uma pesquisa fenomenológica, faz-se necessário acessar a forma como os sujeitos experimentam o mundo, para conhecer o mundo em que eles vivem.

A escolha das mães foi por conveniência e os critérios para inclusão estabeleciam que os filhos tivessem entre 07 e 12 anos, fossem estudantes de escolas municipais e estivessem em tratamento por apresentarem dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita escolar. Além disso, as mães precisavam possuir capacidade cognitiva preservada, característica essencial para a realização da pesquisa fenomenológica, uma vez que precisam ser capazes de refletir sobre suas experiências.

Com intuito de manter o sigilo quanto à identidade dos participantes uma mãe foi nomeada Maria e sua filha de Branca. A outra mãe foi chamada de Gothel e o filho de Tordo.

## **Análise**

### **Maria e Branca: uma história sem Joãos**

A Maria dessa história é uma mãe que de acordo com seu relato não teve apoio dos pais e não recebeu os cuidados que uma criança precisa para se desenvolver adequadamente. Ela precisou construir sua própria história, como ela mesma resumiu: *estou no mundo porque vim, sobrevivi como consegui, aprendi com o tempo.*

Maria viveu uma infância repleta de carências e vulnerabilidades físicas e psíquicas. Conviveu como o alcoolismo na família e relata que sua mãe negou-lhe o direito de aprender, pois a retirava da escola cada vez que se separava do marido (pai de Maria). Lembra que na escola os colegas não brincavam com ela, *eles tinham nojo porque eu andava suja, mal vestida e de pés descalços.*

Com 11 anos Maria trabalhava para se prover, aos 14 conheceu um jovem com quem se uniu. *Eupensava que casando, me livraria daquela vida com meus pais. Enganei-me! O pai dos meus filhos bebia, não queria trabalhar e começou a me bater quando nossa filha mais velha nasceu. Eu vivi com ele a mesma coisa que com meus pais, um inferno!*

Agora Maria está separada, vive com os três filhos e cuida de sua mãe. Sua filha mais velha é portadora do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). *Ela (filha) ia pra rua. Eu não tinha controle! É difícil criar filhos, ainda mais sozinha.* O segundo filho de Maria foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). *Ele não consegue aprender, acho que é devido a todos os problemas que ele me viu passar.* A filha mais nova, Branca, motivo de sua participação no estudo, frequenta uma clínica-escola por apresentar dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita escolar. *Ela é a única que eu tinha esperança de dar certo e agora está com o mesmo problema.* A mãe de Maria possui diversos problemas de saúde. *Ela não me cuidou, nos colocava para pedir nas portas, mas acho que ela não fazia por mal, ela era doente da cachaça.*

Maria não pôde contar com João (pai) para fazer sua caminhada, mas continuou desbravando a 'floresta' de sua vida. As adversidades não a fizeram perder a esperança. *Eu quero uma vida melhor pra eles (filhos), eu amo meus filhos.* Maria acredita que sua infância foi como uma prisão, como se estivesse numa 'floresta', como no conto de João e Maria. Em vários momentos relata não ter recebido as 'sementes' para aplacar sua fome. Mesmo assim, quis sua história que ela sobrevivesse. *Era horrível, triste, a minha infância foi em meio a álcool e drogas. Passei fome, meu pai me batia, doía muito. Eu tinha que fugir para os homens não me pegar (medo da violência sexual)! Mas, a esperança parece ter sido meu guia e ainda que aos 'trancos e barrancos' ela conseguiu lidar com a crise e manter uma estrutura mental razoável.*

Correa (2015) salienta que crianças expostas a práticas parentais impróprias ficam mais vulneráveis diante de eventos ameaçadores, como práticas delinquentes, violência e envolvimento com drogas. Apesar de tudo, Maria não seguiu o caminho dos pais. *Eu só lamento ter começado a fumar aos 13 anos, mas hoje não fumo mais.*

De acordo com seu relato à Maria foi negado o direito de ter bons vínculos afetivos na infância, vínculos necessários ao desenvolvimento de todo ser humano, porém parece que ela aprendeu com seus arquétipos do conto de fada, João e Maria. Ela suportou a situação de uma família em grave situação de vulnerabilidade e buscou em outros ambientes suprir um pouco das necessidades. *O que eu queria saber eu tinha que perguntar para outra pessoa. Eu via o que estava acontecendo ao redor para fazer igual e superar aquela parte*(relativo ao aprendizado).

Assim como a Maria do conto dos irmãos Grimm (Jellouschek, 2003), essa Maria também teve sua história atravessada por lembranças que se manifestam quando ela recorda o quanto sua mãe a magoou. Porém, Maria transcendeu essas vivências e formulou uma visão positiva a respeito de sua mãe. *Ela era assim, mas não nos deu pra ninguém, criou todos juntos. Eu acredito que foi um carinho, o jeito dela reagir.*

Segundo Santos (2016), esse desajuste no relacionamento entre pais e filhos resulta de uma carência dos próprios pais, que os impossibilita enxergarem a necessidade dos filhos. Os pais de Maria não perceberam que seus comportamentos eram inadequados na educação dos filhos, mas Maria, do seu jeito, conseguiu ser resiliente e agir diferente com seus filhos.

### **Gothel e Tordo: uma história encorajada entre o id e o superego**

O relato de Gothel revela que ela foi criada sob o olhar rígido do pai e a passividade da mãe e que hoje, mesmo que inconscientemente, ela enxerga a vida pelo olhar de seu pai, mas se comporta como sua mãe, em relação aos filhos. *Minha infância foi perfeita, eu tinha tudo que queria, só precisava ser responsável, obediente e disciplinada.*

Gothel relatou estar educando os filhos da mesma maneira que acredita ter sido educada pelos seus pais na infância e se disse decepcionada, devido aos filhos não serem como ela era quando criança. *Eu só queria que ele fizesse as coisas direito, que não fosse diferente dos outros na escola. Recebo queixas todo dia!* Com orgulho ela expôs que sua professora educava na ‘base do grito’ e com altivez disse que falou ao filho: *você tinha que ter a minha professora!*

Gothel viveu a adolescência com as mesmas pessoas e condições da infância. Nesse período, relata ter conhecido o amor com que se casou e gerou três filhos. Seus relatos levam a crença de que ela acredita que sua vida é perfeita. *A gente (casal) fez tudo certo, cada coisa de uma vez. Eu acho que é assim que tem que ser. Mas com eles(filhos) não está dando certo!*



Atualmente, Gothel vive com o marido, os filhos e a mãe. Ela aparentemente tem dificuldade de separar o passado do presente e de entender suas novas responsabilidades. Demonstrou estar atrelada ao modelo educacional adotado pelos pais e resumiu que responsabilidade, obediência, disciplina e 'ir bem na escola' são sinônimos de vida perfeita. *A minha vida é boa, mas agora com os meninos na escola estão surgindo os problemas.*

O filho mais velho foi diagnosticado com TDAH e frequentou a clínica-escola. O segundo filho, Tordo, motivo da participação de Gothel nesse estudo, ainda frequentava a clínica-escola por apresentar dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita escolar. Hoje, Gothel tem dificuldades para perceber que não existe 'receita pronta' para educar um filho e que reproduzir a educação, que ao seu ponto de vista é igual a que seus pais da infância utilizaram para educá-la, não necessariamente surtirá o mesmo efeito em seus filhos. Ela parecia viver um confronto entre as turbulências da vida atual e sua vida da infância.

Gothel relatou viveu uma infância vigiada pelos olhos atentos do pai e 'ausência' da mãe, que era passiva em relação à educação dos filhos. Relata que sua infância foi perfeita, mas se perde em suas próprias palavras. *Eu não vivi a infância, nem pude ser uma adolescente rebelde. As coisas eram assim: se podia, podia! Se não podia, não podia! Eu era bem pacífica! Eles não (seus filhos)! Não fazem as coisas como quero.*

Os pais de Gothel proveram meios necessários ao seu desenvolvimento físico, mas conforme Szymanski (2014), falhas no seu desenvolvimento psíquico refletem em seu padrão comportamental atual. Gothel de forma velada relatou que não pode experimentar as vicissitudes da infância, nem expressar emoções, fator essencial para o desenvolvimento da identidade e autonomia na infância (HOPE; FOLBERG, 2017).

Seus relatos possibilitaram compreender que sua experiência se restringiu ao voo que o olhar encorajador do pai a permitiu alçar, raso como de um pássaro sem asas. *Meu pai era tranquilo, mas eu não podia fazer o que eu queria. Ele não deixava nem eu ir para a cidade sozinha, nem para estudar. Na verdade eu não podia fazer nada!* Percebesse que Gothel carrega em sua história, as crenças aprendidas com os pais, quanto à forma de educar e que essas experiências estão se reproduzindo no papel materno.

Na escola Gothel também viveu sob um olhar encorajador, lançado por sua professora, a quem ela considerava do 'tipo durona'. *Ela gritava, era brava, nos fazia fazer as coisas, então eu aprendia.* De acordo com (JELLOUSCHEK, 2014, p.33), "a qualidade afetiva de pais e professores tem forte influência na estruturação emocional do indivíduo, que pode ser prejudicada pelo controle excessivo".

## Significados das experiências vividas por Maria e Gothel

A partir dos relatos das entrevistadas emergiu como essência das experiências vividas, duas unidades de significados, uma nomeada *Flutuando entre o aprendido e o ensinado* e a outra *Oscilação emocional no processo aprender/ensinar*. Juntas, elas formaram a estrutura do tema fenomenológico, nomeado de *Atravessamento geracional*. Nesse processo, percebeu-se a essência do fenômeno vivido pelas mães, em suas infâncias sendo expresso tacitamente entre as gerações. Conforme Zuanetti, Silva, Novaes, Fuduka e Mishima-Nascimento (2016) essas marcas das vivências infantis podem emergir a todo o momento na vida das pessoas e influenciar nas experiências atuais.

Na fala das mães percebemos experiências de suas infâncias relacionadas à falta de alimento psíquico sendo revividas, reproduzidas ou ressignificadas com os filhos. Foram evidentes as emoções relacionadas à experiência com a dificuldade de aprendizagem escolar dos filhos.

De acordo com (GOMES, 2014), nem todo indivíduo está preparado para educar um filho. Essa incapacidade impossibilita muitos pais de perceber as necessidades da criança e, com isso tendem a buscar 'receitas prontas', como se educar fosse algo como fazer um bolo. Isso acontece devido à inabilidade, advinda da sua própria história de vida, de perceber que muitas vezes o que falta é afeto, proteção e segurança para que o filho se desenvolva de maneira saudável.

### Flutuando entre o aprendido e o ensinado

A unidade temática *Flutuando entre o aprendido e o ensinado* traduziu o tema fenomenológico, a partir do atravessamento geracional manifesto nas falas das entrevistadas. Elas demonstram de forma tácita, que traumas de infância estão influenciando na maneira de educar seus filhos.

Essas mães são como um espelho que refletem o modo educacional de suas infâncias. A influência geracional é capaz de permear os tempos quando a pessoa não está apta a assumir a condição materna ou paterna. Essa é uma experiência intensa, que impõe limite, paciência, capacidade de doação e põe responsabilidade à prova (CORREA, 2015).

Esse atravessamento do aprendido ficou marcado na memória de Maria em relação à forma de diálogo dos pais. *Não tinha conversa, eles só chegavam pra bater*. Porém, Maria foi

capaz de ressignificar esse modelo e adotar uma postura diferente com sua filha. *Sempre incentivo ela. Tudo que ela consegue desejo parabéns e quando roda não brigo, porque sei que isso pode acontecer.*

Gothel carrega na memória a falta de diálogo, a postura pai. *Só no olhar a gente já sabia se estava certa ou errada.* Suas cicatrizes inconscientes levam-na a adotar, no diálogo com os filhos, uma postura austera como a do pai. *Eu brigo muito quando erram na escola, digo para eles: olha o lixo, vocês querem esse futuro pra vocês? Eu queria um retorno deles.*

Conforme Piccolo, Falceto, Fernandes, Levandowski, Grassi-Oliveira e Salles (2012), a falta de orientação adequada pode aumentar a vulnerabilidade da criança frente a eventos ameaçadores, bem como prejudicar o processo de desenvolvimento, do qual a aprendizagem escolar faz parte. Já a comunicação adequada pode auxiliar no desenvolvimento saudável dos sujeitos, uma vez que os pais são capazes de prover um ambiente seguro e tranquilo aos filhos.

Gomes e Pedroso (2015) salientam que os pais devem, por meio de práticas educativas, transmitir valores, crenças e conhecimentos aos filhos. Nesse sentido, ambas as mães deixaram explícito que o aprendizado da infância atravessa suas memórias refletindo na experiência de educar os filhos. Maria ressignificou experiências do passado e tenta fazer diferente ao educar a filha. Já Gothel, reproduz o modelo aprendido com seus pais da infância.

Maria relata a dificuldade para conversar com seus filhos temas que seus pais tinham dificuldade para conversar com ela. Conforme seu relato o pai não dialogava. *A única coisa que ele falava é que se um homem tocasse em mim, eu ficaria grávida.* Ela está reproduzindo esse comportamento com sua filha quando diz: *sobre sexo ela sabe o necessário para não ficar grávida.*

Gothel viveu a mesma experiência. *O pai não conversava sobre sexo e eu não perguntava.* Ela também reproduz esse modelo na educação dos filhos. *Sobre sexo é complicado falar, me sinto meio intimidada.*

De acordo com Souza (2013) e Waters e Thompsom (2014) lares que não satisfazem as necessidades básicas da criança levam-na a buscar em outro ambiente, preencher as carências confrontadas em casa. Sob essa perspectiva, percebe-se que Maria ressignificou o aprendido, ou seja, agiu diferente de sua mãe. *Jamais vou colocar eles a pedir nas portas, como a mãe fez comigo.* Gothel tem alicerçada em sua memória, a educação que recebeu há

mais de quarenta anos e está reproduzindo esse modelo na educação dos filhos. *Eu queria que eles fossem iguais, foi criada assim e vou passando para eles.*

Souza (2013) salienta que para compreender a criança, é preciso considerar sua rede de vínculos reais e simbólicos, articulando esses processos. Desse modo, Maria revive com a filha outra vivência da sua infância quando diz: *está se repetindo com ela o pai bêbado que não dá carinho. O meu pai era bêbado, não dava carinho; o pai dela é bêbado, não dá carinho.*

Gothel não revive diretamente essa experiência, mas tem sua memória marcada por esse evento geracional se repetindo com os filhos por conta de vivências do seu esposo. *O que está se repetindo com eles é o que aconteceu com meu esposo. Ele também passou pela clínica, tinha o mesmo problema.* Gomes (2015) salienta que padrões de comportamentos aprendidos no passado tendem a repetir nas relações futuras.

### **Oscilação emocional no processo aprender/ensinar**

A unidade de significado Oscilação emocional se refere à postura das mães diante do 'fracasso escolar' dos filhos. Os pais geralmente buscam orientação porque querem uma resposta às dificuldades de aprendizagem dos filhos. Em alguns casos esperam que a escola ou um especialista resolvam aquilo que não conseguem resolver, como se num passe de mágica o problema deixasse de existir.

Segundo Teixeira e Alliprandini (2013) nem sempre o problema será solucionado visando somente à criança. Existem muitas causas para as dificuldades de aprendizagem e em muitos casos os próprios pais podem estar reagindo emocionalmente aos filhos, a partir de suas vivências da infância.

Para Rodrigues et al (2012) a incongruência nas atitudes dos pais, em relação à educação da criança, gera problemas de ajustamento e dificuldade de interação social, incluindo a aprendizagem escolar. A maneira como se dá a dinâmica parental e as condições sociais em que se mantém o filho também pode influenciar na vida escolar dos sujeitos.

Há momentos na experiência com os filhos em que Maria e Gothel deixam explícito que reproduzem o 'fracasso' de suas próprias infâncias. *A Branca eu pensava que era a única que eu tinha que não tinha problema. Senti tristeza, esquecida no mundo, porque não tenho um filho que eu diga: esse é bem de saúde (Maria). O Tordo eu achava que ia ser diferente,*

*mas acho que vão ser os três assim, nenhum gosta de estudar. É triste, difícil, é torturante!* (Gothel).

Para Santos e Fernandes (2016) vários aspectos causam a dificuldade de aprendizagem. A família é terreno fértil para a formação de um sintoma na aprendizagem, porém nem sempre ela entende dessa maneira, como podemos perceber nos relatos abaixo.

Gothel justifica a dificuldade de aprendizagem do filho, atribuindo culpa a outros. Para ela a dificuldade de seu filho é inerente a uma causa externa. *Eu e meu esposo achamos que é por causa dos professores! As crianças estão todas com o mesmo defeito na escola, eu converso com as mães.* Já Maria revive a dificuldade de aprendizagem da filha relacionando-a eventos intrafamiliar. *Eu acho que a separação do pai atingiu o psicológico dela, ela ficou sem o carinho e atenção do pai e também com os problemas da família.*

Nas falas das mães percebe-se que a queixa em relação aos filhos, as faz retornar a seus próprios processos de escolarização. É como um filme que se repete e as faz reviver angústias, medos e emoções até então guardadas no passado. Maria revive através do medo, as faltas que teve em sua infância. *Tenho muito medo que falte alguma coisa, entro em desespero deles pedir as coisas e eu não conseguir dar.* Gothel se refere ao medo da mudança do seu modo de vida aprendido na infância. *Eu tenho medo do futuro, deles serem diferentes. De um ter mais estudo que o outro e eles entrarem em desavença.*

De acordo com Andrada (2003) e Cia; Pamplin e Williams (2008) é importante considerar a situação e as relações afetivas da criança no momento de sua história escolar. Também é importante compreender como se dá a relações entre os pais e o meio externo, bem como a visão que atribuem a pessoas desse meio, pois disso implica também emoções em relação à dificuldade dos filhos. Maria expôs algumas emoções quanto ao comportamento das outras pessoas em relação a sua filha. *As pessoas acham que ela é malcriada, que eu não dou educação, não explico as coisas. Eu passo vergonha, humilhação.* Gothel também compartilha dessas emoções ao relatar que: *a professora disse que ele é desinteressado, que o colocou no fundo porque é preguiçoso e não faz nada. É triste ouvir isso, é revoltante!*

## **Reflexões finais**

Por meio da análise das categorias possibilitou-se perceber que as mães mesmo que inconsciente apresentam em suas memórias marcas que refletem de forma negativa na educação dos filhos. Esse fato pode estar relacionado ao tipo de relação afetiva com as figuras

de referência, bem como pelas experiências vividas pelas duas mães em seus clusters da infância. Assim, de acordo com o exposto pelas mães, percebeu-se que elas não tiveram o aporte educacional, especialmente no que se refere aos cuidados afetivos para o desenvolvimento e fortalecimento de sua autoestima, no caso de Maria e da autonomia, no caso de Gothel.

As mães do estudo relataram ter dificuldades em expressar emoções e também para dar afeto aos filhos, alegando adotar o mesmo modelo apreendido com seus pais na infância, ou seja, a falta ou o pouco afeto recebido nas suas próprias infâncias está refletindo na educação dos filhos como um Atravessamento geracional. Assim, os pais acabam por transmitir suas angústias, como se estivessem realizando uma 'osmose psíquica' para os filhos.

Maria relatou ter sobrevivido à sombra da própria sorte, que não teve infância, que não brincou e não teve carinho, que sentiu medo, raiva. Desse modo, pode-se dizer que a ela foram negados itens essenciais ao desenvolvimento infantil, ou seja, negaram-lhe o direito de receber alimento, proteção e principalmente, afeto. Fica visível em seu relato que ela sobreviveu fisicamente, porém as sequelas emocionais se evidenciam a cada memória trazida à tona. Essas marcas psíquicas de memórias de sua infância são claramente expressas na educação da filha, Branca, apesar de que Maria estar tentando ressignificar suas experiências ao educar Branca. Ela proveu à filha alimento, proteção, porém mesmo com a intenção de fazer diferente, suas memórias das vivências da infância, do medo, tristeza, decepção e angústias interferiram nesse processo, especialmente em relação aos cuidados afetivos, o que pode estar refletindo no processo de ensino-aprendizagem de Branca.

Do mesmo modo, Gothel, quem apesar de ter sido educada de maneira diferente de Maria, de ter recebido alimento e proteção, demonstra através da educação de Tordo a fragilidade na qualidade do afeto transmitido por sua mãe. Ficou evidente em seu discurso que sua mãe era presente, porém passiva e que suas ações na educação dos filhos aconteciam de acordo com o ponto de vista do pai. A mãe de Gothel, não expressava opinião em relação à educação do filho, seguia as regras do marido, sendo que ambos não expressavam de forma tácita carinho e afeto pela filha. Hoje, Gothel tem a responsabilidade quanto à educação dos filhos, mas sua postura espelha que está reproduzindo o comportamento de sua mãe, uma vez que ela desempenha o papel materno atribuindo ao filho a responsabilidade por seus próprios passos e, do mesmo modo que seus pais, Maria não oferece de forma clara afeto a Tordo.

## Conclusão

Contribuir com a academia foi à intenção da escolha do objetivo desse estudo, pois os estudos realizados focando a percepção das mães em relação à dificuldade de aprendizagem dos filhos ainda são incipientes. Além disso, acredita-se na importância de reflexões que facilitem o trabalho clínico de profissionais que se dedicam a ajudar na melhora dos sintomas de crianças com dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita escolar de crianças.

Como limitação desse estudo, pode-se citar o número reduzido da amostra, que impossibilita a generalização dos resultados. Por outro lado, as pesquisas qualitativas são importantes para, a partir da reflexão de casos específicos, estimular pesquisas com coeficientes maiores.

Ressalta-se que a responsabilidade pela dificuldade de aprendizagem não pode ser atribuída a um fator específico, porém podemos perceber através dos estudos citados ao longo do texto diversos teóricos que apontam os padrões educativos dos cuidadores como um dos motivadores para o surgimento dos sintomas apresentados por muitas crianças. Isso acontece quando os pais apresentam dificuldade em prover os cuidados que o filho necessita para se desenvolver adequadamente nos primeiros anos de vida, período em que a criança é dependente do adulto para satisfazer suas necessidades básicas.

Os estudos ressaltam também que muitas vezes, essa dificuldade dos pais pode estar relacionada a fatores geracionais, ou seja, à educação baseada na transmissão de modelos aprendidos com seus pais da infância. Nesse sentido podemos dizer que a falta de cuidado, seja físico ou psíquico prejudica o desenvolvimento da criança, prejuízo que pode apresentar-se de várias maneiras, sendo uma delas como dificuldade na aprendizagem, quando a criança inicia a vida escolar.

A influência geracional fica clara nos diálogos de ambas as mães, que mesmo sendo educadas por pais diferentes, em contextos e de maneiras diferentes demonstraram ter vivenciado as mesmas emoções com seus pais da infância. Porém, Maria, demonstrou estar tentando ressignificar sua experiência com a filha. Já Gothel, deixou mais perceptível em seu discurso que está reproduzindo o modelo vivido com seus pais da infância. Ambas refletem em seus discursos as marcas deixadas pelo *modus operandi*, adotado pelos seus pais da infância.

Diante dos relatos das mães quanto suas experiências de vida, podemos concluir que as experiências geracionais, especialmente, as advindas do cuidado materno refletem na

educação dos filhos. Esse modelo, ao ser revivido com os filhos pode perpetuar padrões educacionais, que podem refletir negativamente no desenvolvimento da geração futura. Fica evidente que a reprodução de um modelo geracional na educação dos filhos pode gerar problemas de desenvolvimento, incluindo os do neurodesenvolvimento, onde estão inseridos os transtornos de aprendizagens, que incluem as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita escolar.

Assim, além de mais pesquisas sobre os motivadores da dificuldade de aprendizagem infantil sugere-se que, os pesquisadores dedicados a Psicologia Escolar/Educativa se debrucem para apontar novas estratégias visando amenizar a problemática, pois querer erradicá-la seria utopia, já que as dificuldades de aprendizagem perpassam gerações.

## REFERÊNCIAS

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Psicologia Escolar e Educativa**, [s.l.], v.7, n.2, p.171 -178, dez. 2003.

BARBOSA, Rejane Maria; MARINHO-ARAÚJO, Clasy Maria. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 27, n. 3, p.393-402, set. 2010.

CAMPOS, Mariana Coelho; RODRIGUES, Karen Cristina Souza; PINTO, Marcia Carla Morete. Evaluation of the behavior of the preschool one just admitted in the unit of pediatrics and the use of the therapeutic toy. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.10-17, mar. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.php?script=sci\\_arttext\\$pid=S1679-45082010000100010&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.php?script=sci_arttext$pid=S1679-45082010000100010&lng=en&tlng=en). Acesso em: 20 de novembro de 2014.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ALVES, Luciana. A escola e famílias de territórios metropolitanos de alta vulnerabilidade social: práticas educativas de mães "protagonistas". **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 56, p.123-139. ago. 2014.

CIA, Fabiana; PAMPLIN, Renata Christian de Oliveira; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em Estudo**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.351-360, jun. 2008.

CORREA, Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes. Os porquês da criança na psicologia genética de Piaget e na psicanálise e a dificuldade de aprendizagem. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.289-303, dez. 2015.



GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas; PEDRERO, Jennifer do Nascimento. Queixa Escolar: Encaminhamentos e Atuação Profissional em um Município do Interior Paulista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 35, n. 4, p.1239-1256, dez. 2015.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. A relação sujeito-objeto e a unidade afetivo-cognitiva: contribuições para a psicologia e para a educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.161-167, jun. 2014.

HOPPE, Martha Marlene Wankler; FOLBERG, Maria Nestrovsky. O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.147-158, mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982017001008>.

JELLOUSCHEK, Hans. **Espelho, espelho nosso**: encontros e desencontros refletidos em contos de fadas e mitos. Campinas: Verus, 2003.

LIMA, Tarcila Barboza Hidalgo; CHAPADEIRO, Cibele Alves. **Encontros e (des)encontros no sistema família-escola**. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 493-502, abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193879>.

MEDINA-PAPST, Josiane; MARQUES, Inara. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.26-37, 11 dez. 2009.

MOREIRA, Gercimeire Ramos; COTRIN, Jane Teresinha Domingues. Queixa escolar e atendimento psicológico na rede de saúde: contribuições para debate. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.117-126, abr. 2016.

PATTO, Maria Helena Souza. Para uma Crítica da Razão Psicométrica. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.47-62, 1997.

PICCOLO, Luciane da Rosa et al. Variáveis psicossociais e desempenho em leitura de crianças de baixo nível socioeconômico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 28, n. 4, p.389-398, dez. 2012.

PEREIRA, Fernando oliveira. Especificidades do rendimento, aptidão e motivação escolares em alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n.3, p. 525-536, 2015.

PINTO, Hugo Miguel; CARVALHO, Ana Rita; SÁ, Eduardo Nunes. Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. **Análise Psicológica**, v. 32, n.4, p. 387-400, 2014.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; CAMPOS, Ana Paula Soares; FERNANDES, Isabela Andrade. Caracterização da queixa escolar no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 29, n. 2, p.241-252, jun. 2012.

SANTOS, Janaína Borba Garbo et al. Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem. **Revista Cefac**, [s.l.], v. 18, n. 4, p.854-863, ago. 2016.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; FERNANDES, Eliane Sousa de Oliveira. Habilidade de escrita e compreensão de leitura como preditores de desempenho escolar.

SCOPEL, Ramilla Recla; SOUZA, Valquíria Conceição; LEMOS, Stela Maris Aguiar. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. **Revista Cefac**, [s.l.], v. 14, n. 4, p.732-741, 13 dez. 2011.

SEIDMAN, Irving. *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and social science*. 3ed, London: Teachers College Press, 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/bm3136221/Downloads/seidman.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2015.

SILVA, Ana Beatriz da. **A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SOARES, Maria Rita Zoéga; SOUZA, Sílvia Regina de; MARINHO, Maria Luiza. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 21, n. 3, p.253-260, dez. 2004.

SOUZA, Simone Vieira de. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. **Entrever**, Florianópolis, v. 3, n. 4, p.348-353, jan. 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/2560/3051>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 21, v.2, p. 5-16, 2014.

TEIXEIRA, Andrea Regina; ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu. Intervenção no uso de estratégias de aprendizagem diante de dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 17, n. 2, p.279-288, dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572013000200010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200010&lang=pt). Acesso em: 10 de outubro de 2015.

WATERS, Sara Fernanda; THOMPSON, Ross Alana. Children's perceptions of the effectiveness of strategies for regulating anger and sadness. **International Journal of Behavioral Development**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.174-181, Jan. 2014. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0165025413515410>. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

VAN MANEN, Max. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. London, Althouse Press, 2010.

ZUANETTI, Patrícia Aparecida et al. Principais alterações encontradas nas narrativas escritas de crianças com dificuldades em leitura/escrita. **Revista Cefac**, [s.l.], v. 18, n. 4, p.843-853, ago. 2016.

SOBRE AS AUTORAS**Mônica Coutinho de Souza**

Mestra em Saúde e Desenvolvimento Humano pela Universidade La Salle (UNILASALLE), Canoas-RS. Psicóloga Clínica. E-mail: [psicologamonicaledesouza@gmail.com](mailto:psicologamonicaledesouza@gmail.com)

 <http://orcid.org/0000-0002-5143-0356>

**Gilca Maria Lucena Kortmann**

Doutora em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS. Professora e coordenadora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade La Salle-RS. E-mail: [gilcalucena@gmail.com](mailto:gilcalucena@gmail.com)

 <http://orcid.org/0000-0002-8614-4368>

Recebido em: 14 de abril de 2018  
Aprovado em: 08 de fevereiro de 2019  
Publicado em: 01 de julho de 2019